Universidade Federal de Roraima

PPGANTS
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Disciplina: Teoria Antropológica II

Professora: Marcos Antonio Pellegrini

Número de créditos: 60 horas/4 créditos

Horário: Terças-feiras, das 14:00 às 18:00

2º semestre 2026

Ementa: O curso de Teoria Antropológica II tem como objetivo apresentar e discutir autores, temas e questões que se tornaram referência para a constituição da disciplina antropológica – em termos teóricos e práticos - a partir da segunda metade do século XX (a partir dos anos 1960), abarcando os debates da antropologia contemporânea.

Metodologia/Avaliação: O curso será composto de aulas expositivas, atividades remotas pelo SIGAA[1], seminários e debates baseados na bibliografia selecionada. A avaliação consistirá em: (1) apresentação de um seminário; (2) trabalho de meio de disciplina; (3) um ensaio ao final da disciplina

1 – Situando algumas noções e conceitos

ORTNER, Sherry B. Teoria na antropologia desde os anos 60. *Mana* 17(2): 419-466, 2011

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1988. (Cap I - Tempo e Tradição: interpretando a antropologia, p. 13-25)

PEIRANO, Mariza G. S. Onde está a antropologia? *Mana* 3(2):67-102, 1997

2 – A cultura segundo Geertz

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. (Cap I - Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura, p. 13-41 e Cap. 2 O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem, p. 45-66.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios sobre antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2000. (Cap 3 - "Do ponto de vista dos nativos": a natureza do entendimento antropológico, p. 85-107.

3- Dramas sociais, processos e experiências

TURNER, Victor . Dramas sociais e metáforas sociais. In TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008. p. 9-52.

DAWSEY, John. Victor Turner e a antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*, n 13, p. 163-176, 2006.

4- Situação social e interação

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

5 – Ritual e performance

PEIRANO, Mariza G.S. O dito e o feito: ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

LANGDON, Esther Jean. Performance e sua diversidade como paradigma analítico. *Ilha – Revista de Antropologia*, vol 8, n. 1 e 2, p. 163-184, 2008.

BAUMAN, Richard e BRIGGS,Charles. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e vida social. *Ilha – Revista de Antropologia*, vol 8, n. 1 e 2, p. 185-229.

6 – Cultura!?

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010. (Capítulos 1 e 2).

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas*: e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009. (Cap. 19: "Cultura" e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. Pp 311-373).

7 -Invenção de alteridades - 13/10

WAGNER, Roy. A invenção do eu In: *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

GOLDMAN, Márcio. O fim da Antropologia. *Novos estud. CEBRAP* (89) • Mar 2011 • https://doi.org/10.1590/S0101-33002011000100012.

MALUF, Sônia W. A antropologia reversa e "nós":alteridade e diferença. ILHA, volume 12, número 1, p. 40- 56, 2011.

8 – Revisitando cultura e subjetividade – 20/10

SAHLINS, Marshall. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1 (41-73) e n. 2 (103-150), 1997.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. *Horizontes Antropológicos*. Ano 13, vol 28, p. 375-405, 2007.

9 – Revisitando a etnografia – 27/10

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014

CLIFFORD, James. Sobre a alegoria etnográfica. In:A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Edtora da UFRJ, 2011. Pp 59-92.

10-Revisitando a etnografia – 3/11

STRATHERN, Marilyn. "Os limites da autoantropologia. In: *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naif, 2014, pp. 133- 158.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. In: *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naif, 2014, pp. 345-405.

11 – Qual natureza? – 10/11

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, n. 2, v. 2, p.115-44, 1996.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana* 8(1):113-148, 2002.

STRATHERN, Marilyn. "Sem natureza, sem cultura: o caso Hagen". In: *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naif, 2014, pp. 23-75.

12 – Qual natureza? – 17/11

DESCOLA, Philippe. Além de natureza e cultura. Tessituras, Pelotas, v. 3, n. 1, p. 7-33, jan./jun. 2015.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fa zendo parentes. ClimaCom Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte, Ano 3, N. 5, 2016.

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu (5) 1995: pp. 07-41.

13 – Caminhando pela malha – 24/11

INGOLD, Tim. *Estar Vivo*: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petró polis: Vozes, 2015. Parte II (A malha – cap 5 a 7))

INGOLD, Tim. *Estar Vivo*: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petró polis: Vozes, 2015. Parte IV (O mundo narrado – cap 12 a 14).

14- Caminhando pela malha – 1/12

BISPO, Antonio. “As fronteiras entre o saber orgânico e o sintético”. In: Tecendo redes antiracistas: Africas, Brasis, Portugal. Anderson Ribeiro Oliva, Marjorie Corrêa Maro na e Renísia Cristina Garcia Filice (Eds.). São Paulo: Autêntica, 2019.

BISPO, Antonio. Colonização, Quilombos. Modos e Significações.INCTI: Brasília,

2015 (Introdução e Cap. 1)

KRENAK, Aílton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

15- Desatando nós? – 8/12